



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CURSO DE LETRAS**

**O OLHAR *DE LA FRONTERA* DE SCHLEE: UMA TERRA SÓ?**

**THAÍS REJES MARQUES**

**ORIENTADORA: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> CRISTINA CARDOSO**

**BAGÉ  
2015**

**THAÍS REJES MARQUES**

**O OLHAR *DE LA FRONTERA* DE SCHLEE: UMA TERRA SÓ?**

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Letras, requisito parcial para obtenção de título de graduação em Letras – Português, Espanhol e respectivas literaturas da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA/Campus Bagé.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristina Cardoso

**BAGÉ  
2015**

Este Trabalho de Conclusão de Curso, de Thaís Rejes Marques “O olhar *de la frontera* de Schlee: Uma Terra Só?”, foi julgado adequado e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e respectivas literaturas da Universidade Federal de Pampa – UNIPAMPA/Campus Bagé para fins de obtenção do grau em

LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS, ESPANHOL E RESPECTIVAS LITERATURAS

Área de concentração: Literaturas em Língua Portuguesa

Opção: Literatura Sul-riograndense

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristina Cardoso  
Orientadora

---

Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon  
Examinador

---

Prof. Dr. Moacir Lopes de Camargos  
Examinador

Bagé, 30 de novembro de 2015.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me guiar, sempre.

Aos meus pais, Jorge e Neli, pelo amor incondicional a mim dedicado, por estarem comigo em todos os momentos, me aplaudindo e me levantando para enfrentar novos desafios. Obrigada por me ajudarem a chegar até aqui, mas ainda temos muito o que caminhar juntos.

Aos meus irmãos, Adriana, Cristiano e Rejane, pela segurança, coragem e amor que sempre me deram para eu poder seguir em frente. Vocês fazem parte dessa conquista.

A minha sobrinha Carolina, irmã de coração, que mesmo com minhas ausências, sempre esteve presente. Obrigada por permitir compartilhar contigo meus sonhos e inseguranças.

Aos meus sobrinhos, pelo carinho e pelas histórias partilhadas em família.

As minhas tias, Santa Helena e Maria de Lourdes, por fazerem minha infância mais feliz. Parte das lembranças que vivi com vocês estão aqui neste trabalho.

Aos meus colegas de universidade que fizeram dessa caminhada um momento único. Gracias, especialmente, a los compas de español: Ana Paula, Camila, Christianne, Dianifer, Dilnei, Juliana, Karol, Lilia, Luísa, Melina e Nathan.

Aos professores da Unipampa que me mostraram um mundo cheio de possibilidades, especialmente, ao professor Moacir por fazer o diferente, por tornar a sala de aula um livro, onde os conteúdos se mesclavam com experiências vividas e a cada página (aula) tínhamos uma história para contar.

A minha orientadora, professora Cristina, que acreditou em mim e se mostrou presente nos momentos de angústia e indecisão. E mais do que isso, me encorajou para que eu pudesse ir além do que eu poderia imaginar e sempre esteve lá, me prestigiando, seja dentro ou fora da universidade.

A professora Josefa, por abrir espaço em suas aulas de espanhol e me permitir vivenciar experiências únicas ao longo desses quase dois anos de PIBID.

Aos meus companheiros de PIBID/Aceguá, Ana Paula, Camila, Juliana, Lilia e Vando, os corajosos, que enfrentaram junto comigo as manhãs congelantes da Fronteira, mas que nunca desistiram e acreditaram no trabalho que desenvolvemos.

Aos meus alunos *de Aceguá, mis fronterizos*, que foram uma das inspirações para esse trabalho. Obrigada por me apresentarem a Fronteira de uma forma que eu ainda não a tinha visto. Eu sou um pouco de cada um de vocês, de

cada momento que vivemos juntos nesses quase dois anos. Já me sinto um pouco *fronteriza*. Jamais os esquecerei.

## RESUMO:

No presente trabalho analisamos a obra do escritor fronteiriço Aldyr Garcia Schlee, *Uma Terra Só* (2011), mais especificamente os contos: “A Estação Ríó Branco”, “Dinheiro Velho” e “A Irmã Dele Só”, procurando relacioná-los com a temática fronteira, entendida sob uma perspectiva sociológica e inserida no espaço compreendido entre Brasil e Uruguai. Identificamos elementos fronteiriços dentro da narrativa, como o contrabando, o ir e vir, além de tipificar a figura do gaúcho depois de passar pelo processo de herói a homem a pé, esquecido nas cidades, e o papel da mulher gaúcha e toda a sua melancolia enquanto uma representação do viver a Fronteira. Para analisar a obra, buscamos referências literárias como a do contista gaúcho Simões Lopes Neto, e referências teóricas como as do próprio autor das narrativas aqui estudadas, Aldyr Garcia Schlee, além de Maria Helena Martins, Pablo Rocca, Luis Antônio de Assis Brasil, entre outros.

Palavras-chave: Fronteira. Literatura fronteiriça. Gaúcho.

## **RESÚMEN:**

En el presente trabajo analizamos la obra del escritor fronterizo Aldyr Garcia Schlee, *Uma Terra Só* (2011), más específicamente los cuentos: “A Estação Ríó Branco”, “Dinheiro Velho” e “A Irmã Dele Só”, intentando relacionarlos con la temática de la frontera, entendida bajo a una perspectiva sociológica e insertada en el espacio comprendido entre Brasil y Uruguay. Identificamos elementos fronterizos en la narrativa, como el contrabando, el ir y venir, además de tipificar la figura del gaucho después de pasar por el proceso de héroe a hombre a pie, olvidado en las ciudades, y la importancia del rol de la mujer gaucha y toda su melancolía en cuanto una representación del vivir la Frontera. Para analizar la obra buscamos referencias literarias como las del cuentista gaucho Simões Lopes Neto, y referencias teóricas como las del propio autor de las narrativas aquí estudiadas, Aldyr Garcia Schlee, además de Maria Helena Martins, Pablo Rocca, Luis Antônio de Assis Brasil y otros.

Palabras-clave: Frontera. Literatura fronteriza. Gaucho.

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
FRONTEIRA E LIMITE .....	11
<i>EL GAUCHO</i> .....	16
UM HOMEM DE GORRO, BOMBACHA E ALPARGATA EM “A ESTAÇÃO RÍO BRANCO” .....	18
UM <i>FRONTERIZO</i> E A MULHER GAÚCHA EM “DINHEIRO VELHO” .....	20
O CONTRABANDO E A SOLIDÃO EM “A IRMÃ DELE SÓ” .....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	28

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Estudar o ser fronteiriço e o espaço Fronteira nos faz pensar o quão esse entrelugar é heterogêneo, díspar e complexo - mas, ao mesmo tempo, tão ligado e comum um ao outro. Isso faz com que seus habitantes se sintam no outro. Faz com que nós, fronteiriços, nos tornemos *nosotros*.

Aceguá-BR/Aceguá-UY e Jaguarão-BR/Río Branco-UY serão alguns dos espaços mostrados neste trabalho. Jaguarão e Río Branco, a fronteira de Aldyr García Schlee, autor da obra que aqui será analisada: *Uma Terra Só*, publicada em 1984, e Aceguá, fronteira localizada a 60 km de distância de Bagé/RS – onde participei do programa PIBID/Espanhol (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), entre 2014 e 2015.

É importante ressaltar que o meu contato com o espaço fronteiriço se deu muito antes de ingressar na universidade, não só por eu viver em uma região de fronteira - mais precisamente Bagé - como também por Aceguá fazer parte dos meus ires e vires desde minha infância. Esta Fronteira, de pouco mais de 4 mil habitantes, sempre foi um lugar de passagem para minhas viagens até a cidade de Melo-UY- onde moram alguns familiares meus - e, mesmo ela nunca sendo o meu destino principal, sempre chamou minha atenção.

Aceguá era uma terra diferente daquela de onde eu partia, Bagé-BR, e diferente do meu destino, Melo-UY. Ela estava no meio dessas duas cidades, no meio do meu caminho, e desde sempre aquilo me instigava. Ali havia pessoas que falavam espanhol, mas também havia os que falavam português. Só que eu me perguntava: que português é esse? É diferente do meu. Será que são brasileiros? E depois de anos, na universidade, que todos esses meus questionamentos foram se aclarando e fui entender que eu estava na fronteira, que ali viviam não só brasileiros e uruguaios, como também árabes e alemães, e que havia uma linha imaginária que dividia os dois países. Apesar disso, esse espaço, para mim, sempre foi *Uma Terra Só*.

Desde princípios de 2014 pude travar maior contato com a “minha” fronteira, ou seja, Aceguá não era mais apenas um lugar de passagem, mas passou a ser também o meu destino enquanto bolsista do PIBID Espanhol. Pude e ainda estou vivendo a complexidade desse espaço. Além dos questionamentos de infância, muitos outros surgiram depois de conviver com os alunos *fronterizos*. Nesse tempo, houve muitos debates em sala de aula, situações com o uso da língua, posicionamentos às vezes preconceituosos de que vem de fora – e, inclusive, por parte de alguns professores que lecionam em Aceguá.

Então, para me aprofundar melhor nesse *espacio fronterizo*, busquei as obras do escritor, desenhista, professor universitário e jornalista premiado nacionalmente, Aldyr García Schlee que, segundo Flávio Loureiro Chaves “só observa o passado heróico para confrontá-lo com o presente desprovido de magia. Nesse processo, a sua ficção simultaneamente mantém o cenário tradicional para inseri-lo numa temática já situada na fronteira da modernidade” (CHAVES, 2011, s/p).

Dessa forma, Jaguarão/Río Branco, Trinta y Tres, Aceguá/Acegua e outras fronteiras, se cruzarão neste trabalho por meio da literatura, a partir dos contos “A Estação Río Branco”, “Dinheiro Velho” e “A Irmã Dele Só e das minhas experiências enquanto ser transitório, estudante e, agora, amante da fronteira. É importante ressaltar que a escolha dos contos supra citados se deu, primeiramente, por uma identificação pessoal com as narrativas e, em segundo lugar, por essas narrativas servirem como um reviver de memórias possíveis dentro da ficcionalidade.

Nas palavras do poeta *fronterizo* Fabián Severo “Voy iscrevé las lembransa pra no isquecé” (SEVERO, 2011, p.19). Não esquecer daquilo que vivi e senti na fronteira, daqueles *fronterizos* que cruzei, daqueles com quem conversei, daqueles que senti no olhar o orgulho de ser da terra, daqueles que carregam o medo do dia de amanhã, daqueles já de idade tomando mate na praça, dos cambistas na esquina, do movimento das lojas de produtos importados e mais ainda dos fardos contrabandeados, que se *mezclan* entre poltronas de ônibus, passageiros, cumbias e incertezas.

## FRONTEIRA E LIMITE

Mais do que um espaço geográfico que divide dois territórios, a fronteira também envolve aspectos culturais, políticos, linguísticos, comerciais e sociais. Aqueles que transitam nesse entrelugar são seres que se “alimentam” das culturas presentes nesse ambiente e que, de certa forma, os tornam um só, os tornam fronteiriços. Mas antes de entender como se dão as relações nesse espaço tão complexo, primeiro é preciso compreender melhor que lugar é esse.

Para Zientara, “O termo ‘fronteira’, tal como os substantivos correspondentes nas línguas espanhola (*frontera*), francesa (*frontière*) e inglesa (*frontier*) derivam do antigo latim *fronteria* ou *frontaria*, que indicava a parte do território situada *in fronte*, ou seja, nas margens.” (ZIENTARA, 1989, p.306).

Além disso, Zientara compreende que a partir da definição: “a fronteira é constituída pelos inumeráveis pontos sobre os quais um movimento orgânico é obrigado a parar”, de Ratzel (1882-91, ed. 1889 II, p.259), se pode afirmar que “a origem da fronteira reside portanto no movimento, que é próprio de cada ser vivo; ela é por isso móvel.” (ZIENTARA, 1989, p.306).

Conceitos e classificações de fronteira existem desde as sociedades tribais<sup>1</sup>mas, ao longo do tempo, os mesmos foram evoluindo e adquirindo novas perspectivas. Algumas civilizações foram criando os seus próprios sentidos de limite de civilização, levando à cristalização desses espaços por meio de muralhas – como, por exemplo, o caso da China:

A muralha da China não só separava duas grandes regiões, mas dois modos de organização espacial: as bacias hidrográficas chinesas, onde se praticava uma agricultura intensiva e irrigada, e as estepes do

---

<sup>1</sup> É preciso todavia notar que, quando os Estados, Reinos ou Províncias tratam de *contratar*, quer dizer, de fixar as fronteiras por tratados mais que pelas armas, não intervêm em um território virgem. Práticas ancestrais foram já estabelecidas entre as populações que se tocam, constituíram-se *modus vivendi* que integram uma definição prática, senão geográfica, da fronteira, que pode então diferir significativamente daquela dos topógrafos. (LEENHARDT, Jacques. Fronteiras, Fronteiras Culturais e Globalização, in Maria Helena Martins (org.), Fronteiras Culturais, Granja Viana-Cotia: Ateliê Editorial, 2002 p. 28).

nortecom sua pecuária extensiva. (LATTIMORE, 1937, apud STEIMAN e MACHADO, 2002, p.3, 4)

Já para os romanos, esse conceito rígido não interessava, pois quanto mais pudessem avançar, mais terras poderiam dominar. Por esse motivo, levaram um longo período para definir os seus limites. (STEIMAN e MACHADO, 2002, p.3). A partir da concepção de fronteira dos romanos, Zientara elabora sua definição de fronteira quando afirma que “A mobilidade é portanto um carácter intrínseco da fronteira, mesmo se algumas sociedades humanas tendem a fixar definitivamente as suas próprias fronteiras.” (ZIENTARA,1989, p.308).

Ademais, durante o século XX, duas classificações de fronteira foram muito discutidas. Segundo Steiman e Machado

A mais conhecida delas - a classificação das fronteiras em *naturais* e *artificiais* - foi discutida durante toda a primeira metade do século XX, mesmo depois de Robert Sieger ter afirmado que as fronteiras, mesmo as chamadas naturais, são resultados de convenções (bilaterais) ou de imposição (unilateral) (STEIMAN e MACHADO, 2002, p.1, apud Backheuser 1952).

Essa classificação trouxe algumas adversidades entre Thomas H. Holdich e Lionel W. Lyde, que tinham como referência a divisão do continente Europeu na Primeira Guerra Mundial (STEIMAN e MACHADO, 2002, p.1). Holdich (1916) entendia que a melhor maneira de preservar a paz entre as nações seria dividi-las com a mais forte e definitiva barreira física que pudesse ser encontrada, geralmente as cadeias montanhosas. Já para Lyde (1915) o limite político ideal seria uma feição natural que encorajasse um intercâmbio internacional pacífico, papel que seria desempenhado vantajosamente pelos rios que, por reunir os habitantes de suas bacias, ofereciam o máximo de possibilidade de associações pacíficas (apud Steiman e Machado, 2002, p.1).

Partindo das concepções de fronteira e limite que se desdobraram ao longo do tempo e espaço, é preciso ressaltar que, neste trabalho, não os tomamos como sinônimos como afirma Bentacor (2008):

Es común entender que los términos frontera y límite son sinónimos, sin embargo son dos conceptos diferenciados etimológicamente y cargados de significados conceptuales, de los cuales surgen interrelaciones, pero donde también surge que, la riqueza conceptual atribuible al término frontera, es mucho más amplia que la de límite (BENTACOR, 2008, p.22)

Aqui, entendemos “o limite como fim de um território, enquanto a fronteira é tomada como início” (ROSA, 2009, p.31, apud PEGORARO, 2011). Ou seja, o limite está posto no sentido de encerrar, delimitar um espaço territorial, enquanto que fronteira é entendida como toda uma área dinâmica, de relações sociais, econômicas, linguísticas, políticas, “um território singular, de relações complexas e plurais” (OLIVEIRA, 2005). “A fronteira não representa o ponto onde algo termina, mas é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente” (GOMES, 2010, p.38).

A partir disso, é preciso compreender também a concepção de território que, apesar de ao longo do tempo ter se flexibilizado frente à diversas teorias, é entendido aqui por meio da sua etimologia. Poderemos começar a explorá-lo por meio do excerto abaixo:

a palavra território vem do latim territorium, que significa pedaço de terra apropriado. O vocábulo latino terra é fundamental para se entender o significado da palavra território, pois explicita sua estreita ligação com a terra, como um fragmento do espaço onde se constroem relações tanto de base materialista quanto de base idealista (HAESBAERT, 2009, p.43, apud CRESPO).

Ainda conforme Haesbaerte:

muito do que se propagou depois sobre território, inclusive a nível acadêmico, geralmente perpassou direta ou indiretamente estes dois sentidos: um, predominante, dizendo respeito à terra e, portanto a território como materialidade, outro, minoritário, referido aos sentimentos que o ‘território’ inspira (por exemplo, de medo pra quem dele é excluído, de satisfação para aqueles que dele usufruem ou que com ele se identificam). (HAESBAERT, 2009, p. 43-44, apud CRESPO).

Souza (1995) apud Neto (p.28) problematiza o conceito de território quando tratado somente no sentido de tempo e espaço, e o torna mais flexível - “territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais das mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica (p. 81).”

Desse modo, Neto apresenta três elementos buscando a definição de território:

- i. Considerar a noção de flexibilidade para pensar na construção de territórios se contrapõe à ideia de limites fixos e imutáveis e das longas durabilidades das territorialidades.
- ii. Trabalhar com a noção de descontinuidade confronto com a clássica concepção de territórios-zona, sustentada no pressuposto da contiguidade espacial, e pressupõe, por exemplo, considerar a ideia de território-rede.
- iii. Admitir a perspectiva da superposição de territorialidades refuta a ideia de exclusividade de uso do território, amparado na existência de fronteiras claramente bem demarcadas (NETO, p.28,29).

Nesse sentido, é possível pensar em território, principalmente da fronteira aqui estudada, como um espaço flexível que, apesar de ter limites demarcados pelo Estado, não é respeitado, pois o ir e vir da fronteira vai além de convenções políticas.

Com isso, partimos para a fronteira em questão desse trabalho que, por anos, foi espaço de disputas de terras levando a batalhas e guerras entre as Províncias de Portugal e de Espanha: a metade sul do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, que formam a Região Platina, tendo como paisagem comum o pampa:

Essa paisagem ilimitada constitui um dos topos mais recorrentes da história da literatura, na Argentina, no Uruguai e no Rio Grande do Sul brasileiro. Ele foi tema recorrente da prosa regionalista. A figura do “gaúcho” está ligada a esse ilimitado. O território, mais profundamente ainda, a alma do “gaúcho” é uma paisagem, na qual a silhueta do

homem a cavalo estabelece um ponto assinalado na imensidade.  
(LEENHARDT, 2002, p.30)

O pampa, onde as linhas demarcadas por tratados nunca foram respeitadas por quem ali vivia, forma um espaço híbrido, de mestiçagem, cujo habitante é o gaúcho ou *el gaucho*. Segundo Leenhardt (2002) “No espaço do pampa, tal como ele foi por muito tempo vivido, a fronteira era um *front* móvel do qual cada gaúcho era o guardião responsável.” (LEENHARDT, 2002, p.32).

As fronteiras, nessa região platina, vão além de marcos divisórios e tratados. Quem as faz são seus próprios moradores - que as tornam vivas, em movimento, dialogando entre si, intercambiando suas culturas, sua língua, respeitando a presença do outro e, mais do que isso, muitas vezes buscando entender a importância desse *otro* para sua formação.

as populações que vivem numa zona de fronteira dão origem a uma comunidade fundada, em interesses particulares, mantém entre elas, do lado de cá e do lado de lá da fronteira, uma imensa comunicação; vivem de contrabando. Estes habitantes de zonas de fronteira consideram-se um grupo à parte que se opõe a ambas as autoridades estatais. Trata-se, porém, de um fenômeno que só acontece à margem das grandes comunidades nacionais e estatais. (ZIENTARA, 1989, p.309).

Nesse sentido unificador da fronteira, as identidades se mesclam e, parodiando Aldyr Garcia Schlee, também afirmamos que o nós e o *otro* se tornam *nosotros*. *Uruguaios* e brasileiros se tornam *fronterizos*, em *Uma Terra Só*.

## **EL GAUCHO**

Nesse espaço fronteiro de tantas complexidades, há algo que une quem por ali vive. Há uma paisagem em comum, o pampa, e há o gaúcho, habitante desses pagos, especificamente localizado

entre o Uruguai (e parte da Argentina) e parte do Rio Grande do Sul estabeleceu-se uma cultura comum do homem do pampa, a chamada cultura gaúcha, com sua respectiva literatura, por cima das fronteiras nacionais e das barreiras linguísticas. (SCHLEE, 2002, p.63)

É através da figura do gaúcho que a região platina ganhará grandes obras literárias que, com uma linguagem própria, atravessarão as barreiras impostas pelos Estados, tornando as fronteiras entre Brasil, Uruguai e Argentina um espaço integrador:

mantendo-se à margem de duas línguas e de três Estados nacionais, a gauchesca conseguiu criar um espaço “intersticial”. Isto é: conseguiu mostrar que os limites nacionais – e até os limites linguísticos – tem alta densidade arbitrária, artificial. A gauchesca transformou a férrea fronteira em um espaço poroso, construiu pontes e moveu barreiras contra a vontade do discurso do poder estatal. (ROCCA, 2002, p.74)

O pampa será essa superfície, esse entrelugar que unirá povos, sujeitos de hábitos comuns, desenvolvendo toda uma cultura num mesmo espaço e tempo que revelará, a partir da literatura, desde os tipos marginalizados, “que por não terem relações de trabalho estáveis, viviam dos mais variados expedientes, quase todos associados a algum tipo de delito pelas autoridades” (GUAZZELI, 2002, p.107) até o gaúcho herói, destemido, do passado de glórias.

O pampa é diluidor de fronteiras, território de liberdade, lugar de encontros amistosos e do Mercosul hoje, de guerras ferozes no passado, mas sempre é imóvel e soberano (...) o peão de estância vê com os olhos da alma o pasto que alimenta o gado; conhecemos bem aquela sua silenciosa imagem, ao entardecer, tomando mate em frente ao galpão, com as vistas perdidas nas lonjuras. (BRASIL, 2002, p. 128)

É desse pampa que o tornou herói que o gaúcho será expulso devido ao que Maria Helena Martins (2002) chama de “reforma agrária - a feita na cama”,

na irônica síntese de estancieira descendente de sesmeiros, mãe de muitos filhos (MARTINS, 2002, p. 239). Nesse sentido, esse homem do campo se dispersa nas cidades fronteiriças, e traça a vida de um outro gaúcho:

Enxotados, esses homens e suas famílias, já em processo de dilaceramento, vão dar na periferia urbana mais próxima. Nas vilas fronteiriças, alguns conseguem resistir, outros “se fazem”, mas muitos vão minguando e definitivamente se marginalizam. Aí se identifica a figura do “gaúcho a pé – campeiro, que perdeu o cavalo e a distância” e se vê obrigado a fazer parte das “coroas de miséria” das cidadezinhas. (MARTINS, 2002, p. 239)

Na obra de Schlee, encontraremos o gaúcho *fronterizo*, de nem tantas glórias assim, que transita pela cidade, com modo de vida diferente daquele *gaucho* do passado. Brasil (2002) afirma que “já não se trata de nostalgia, mas de aceitação de um estilo de vida diferente, que ainda não desapareceu de todo, e no qual há espaço para a crítica das evidentes desigualdades”.

Em “*A Estação Río Branco*” vemos um *fronterizo* de gorro, bombacha e alpargatas que observa o ir e vir dos que ali vivem, fazendo parte da história da Estação e percebendo o quanto ela teve de reinventar-se com o tempo, assim como os moradores das duas cidades, bem como o próprio *gaucho* em uma época de modernidades.

“*Dinheiro Velho*”, nos apresenta *Pochocha*, um típico changueiro, sem papeis, sem domicílio, sem direção, que tem sempre a sua espera seu cusco, seu cavalo e Marita. Um gaúcho *fronterizo* que não possui mais o pretérito glorioso de seus antepassados.

Já em “*Irmã Dele Só*” temos, além do homem a cavalo que ainda vive de contrabando, a mulher solitária, uma representação do quanto a Fronteira é isolamento, exílio, solidão.

## UM HOMEM DE GORRO, BOMBACHA E ALPARGATA EM “A ESTAÇÃO RÍO BRANCO”

O conto “Estação Ríó Branco” marca a passagem do tempo e a conseqüente chegada da modernidade. “Aquele gente que veio, aqueles sendeiros, aquele carris...” (SCHLEE, 2011, p. 25) e a inovação que chega junto com a primeira “máquina de trem inquietante e indomada” (SCHLEE, 2011, p. 25), com os franceses e os cabarés, as mulheres, os turcos, os gramofones e automóveis; - “surgiram negócios e empregos; construíram-se casas e fortunas” (SCHLEE, 2011, p. 27).

Em meio a uma fronteira que sofre as transformações do século, existe um personagem na estação que observa o ir e vir dos que chegam e dos que partem. Apenas observa e revive suas memórias:

Ele é como um homem qualquer, de gorro de crochê, de suéter de lã, de bombachas e de alpargata. Se não fosse sempre o único a ficar, iria e viria como os demais sem ser notado, paisano comum que é, velhote e sozinho. Mas fica, fica na estação olhando tudo que aconteceu desde que chegaram os homens, desde que abriram as picadas e que vieram os dormentes e os trilhos. (Schlee, 2011, p. 27)

Quem é esse personagem? Mais do que um “homem qualquer”, ele representa um típico personagem da fronteira, o gaúcho, que mesmo estando em segundo plano na história, consegue despertar nos leitores e dentro do próprio conto um olhar mais atento a ele. “Diante de seus olhos, temos a sensação de que é preciso explicar-lhe muitas coisas, que lhe devemos algo, respostas, frases, palavras soltas. Ele não se perturba e sorri um pouco quando o cumprimentamos: – Buenas!” (SCHLEE, 2011, p. 27).

Esse *gaucho* que sobrevive com o que restou de seu passado, a memória, também traz algumas outras marcas – bem destacadas pela narrativa – “...de gorro de crochê, de suéter de lã, de bombachas e de alpargata.”, onde conseguimos identificá-lo como um paisano que ainda habita nessas terras

*fronterizas*. Além disso, revela-se, como seus antepassados, um homem sem família, sem dinheiro...

O homem do gorro, magro e velho, não fora de atravessar o rio para cabarés iluminados a luz elétrica. Nunca tivera dinheiro para ganhar na roleta ou para perder em cada de linho e tetos estrangeiros. Ficara à luz de lamparinas, e de preferência, no escuro mesmo, às voltas com as chinas caladas como ele que, como ele, no fundo, só queria fazer de conta que aquilo era amor. (SCHLEE, 2011, p. 28).

Contudo, ademais de que revelar um modo de vida que, em alguns aspectos permanece como no passado – só que agora na cidade –, a narrativa destaca que o homem de gorro está nos escuros, aqui entendido –não só nas casas das mulheres –, no sentido de esquecimento, escuridão. Ninguém mais o vê como antes, pois não o é mais. Segundo o escritor argentino Raúl Oscar Finucci “... el gaucho era una clase social, y como tal ha surgido, se ha desarrollado y ha desaparecido, dejando, sí, diversos “tipos” de hombre gaucho, que transitan en nuestro territorio nacional.” (FINUCCI, 2012, p.36).

A narrativa de “A Estação Río Branco”, desmistifica essa figura construída ao longo do tempo. “Cavalo, facão e estrada compunham a tríade necessária e suficiente para que o gaúcho pudesse ‘cumprir seu fadário’.” (GUAZZELI, 2002, p. 111) Mas, para o homem do gorro, para o gaúcho a pé, para o paisano *de la frontera*, só permaneceram bombachas, alpargatas e sua memória.

“O homem de gorro só está mais velho, e magro. Em trem, em vagão de passageiro, jamais entrou: não quer porque não quer. Fica só olhando as chegadas e saídas. E cisma.” (SCHLEE, 2011, p. 31). O homem do gorro, aquele que não tem nome, nem terra nem família, é um *fronterizo* que se esquiva da modernidade, só a observa e tenta resistir, talvez, para não ser esquecido e para ele próprio não esquecer daquilo que um dia foi.

## UM FRONTERIZO E A MULHER GAÚCHA EM “DINHEIRO VELHO”

Em “Dinheiro Velho”, a narrativa de Schlee mais uma vez nos apresenta a figura daquele que vive o ir e vir da fronteira, sobrevivendo das changas e dos resquícios do passado de um homem sem lei, sem terra, sem família: *el gaucho*. “José Jacinto: profissão, changueiro. Estado civil: solteiro para os demais, casado para Marita. Sem papéis, sem domicílio, sem direção. Com aperos de mate e de montaria; e, ainda de seus, o cavalo lá fora e o cusco, agregados a Marita.” (SCHLEE, 2011, p.36).

José Jacinto, conhecido como *Pochocha*, representa toda a trajetória daqueles que saíram do campo e, agora, resistem no vai e vem, entre estância e cidade. É a representação dos que até hoje estão entre as fronteiras, com um trabalho suado nos campos do Brasil e Uruguay, ainda com suas bombachas, seu cavalo e seu cusco e que “mantinham hábitos, vestimentas, linguajares e costumes alimentares dos seus antepassados, e que ainda eram, especialmente, homens ‘de a cavalo’.” (GUAZZELI, 2002, p.108).

Pochocha, assim como tantos outros, não é mais o gaúcho do passado honroso, idealizado, o herói eternizado como mito na literatura gauchesca - “El gaucho que muere en el campo, revive en los libros” (LABORDE, p.68). É, sim, descrito como o típico *fronterizo* que sobrevive em meio às incertezas e à simplicidade da fronteira - “*Pochocha, che*: a vida é essa, mesmo: o cachorro está te abanando o rabo; és a paixão de tua mulher; o cavalo te espera lá fora.” (SCHLEE, 2011, p.39).

Já a esposa, Marita, é mais um retrato da figura feminina inserida no contexto patriarcal dentro da literatura gaúcha, uma personagem em segundo plano, voltada para a lida de casa e para o matrimônio. Dessa forma, a narrativa constrói sua figura, como no excerto “Enquanto palitava os dentes via Marita às voltas, séria, trabalhadeira e esperona, sem palavras. Casada sem papéis. Bonita sem filhos. Sem nada, pucha!” (SCHLEE, 2011, p.39).

Assim como em “A Irmã Dele Só”, a mulher descrita em “Dinheiro Velho” é aquela que está sempre à espera do homem, seja ele irmão ou marido -

aquele que é o provedor, que sustenta a casa, enquanto ela fica enclausurada em uma rotina que a condena. Nesse sentido, Santos descreve a situação social na qual a mulher gaúcha e fronteiriça se enquadra:

A mulher permanece objeto, não adquire, durante o século XIX, o estatuto de um ser social, restrita que estava aos bailes e saraus, ou de um ser histórico, relegada ao papel daquela que espera... o marido, o filho, o neto que voltam do trabalho ou da guerra e que faz da sua vida um prolongamento da vida daqueles.  
(SANTOS)

Para Marita, a vida não lhe reserva nada além dos eternos momentos de espera e poucos instantes de prazer - ainda que providos pelo marido -, como comer um picolé. “E teve que trocar o dinheiro para comprar dois picolés; e para poder ver Marita sorrindo nervosa com aquele gelo colorido que pela primeira vez se derretia em seus lábios.” (SCHLEE, 2011, p.40).

Ainda que comesse o gelo colorido pela primeira vez, aquilo não lhe era novo, tampouco desconhecido, pois a frieza sempre a acompanhou. Marita é habitante dos pampas, lugar do vento minuano e das geadas ao amanhecer, acostumada às temperaturas negativas e a uma vida gélida, sem poder ousar, atrever-se, sentir, viver, ser.

Marita, diminutivo de Maria - mulher que ocupa o primeiro lugar- carrega no seu nome o fardo de ter uma vida diminuída, reduzida ao destino de ser esposa, aquela que espera, somente espera.

## O CONTRABANDO E A SOLIDÃO EM “A IRMÃ DELE SÓ”

No conto “A Irmã Dele Só” nos deparamos com uma mulher de idade incerta. “É verdade que a irmã era solteira e tinha idade indefinida: para mais de vinte e menos de cinquenta (...)” (SCHLEE, 2011, p.15), já fadada ao cotidiano do campo e à solidão. “A irmã, mais para gorda, levantava, mateava, capinava, varria, lavava, cozinhava, comia, sesteava, acordava, lavava, varria, mateava, dormia. E cortava lenha, trazia água. Plantava. Colhia.” (SCHLEE, 2011, p.15).

Ela não se vê mais naquele passado vívido, de uma menina que ainda sonhava, que se sentia viva “(...) tinha ido a festas, corria para ver o trem passar, ficava abanando, comia doces, passeava de charrete, ouvia a cordeona, fazia comprar no comércio do pueblo, era levada pela mão, aprendia a ler, tinha amiguinha, cantava!” (SCHLEE, 2011, p.20). Agora lhe restaram as lembranças e uma rotina que a castiga com a solidão. “Vivia ali solita naquela lonjura (...)”. (SCHLEE, 2011, p.20).

A mulher teve seu destino traçado para ser apenas a irmã de alguém, não mais que isso. “Era a vida inteira no sumiço, sem vivalma, só campo e campo, nem bons-dias nem boas-tardes, chuva e sol, inverno e verão, as marrecas indo e vindo, os pintos descascando, crescendo, morrendo, os ovos marcados com cruz de carvão.” (SCHLEE, 2011, p.21). A irmã dele só, apenas dele, agora era exílio, isolamento, *soledad*. Representação das várias vidas que nas fronteiras estão esquecidas, *de las gentes* que transitam entre *la pampa* e a cidade e que foram e são olvidadas. É toda a melancolia de viver e ser a fronteira.

Além disso, a construção da personagem da irmã nos faz pensar as questões da figura da mulher na sociedade gaúcha, inserida na sociedade patriarcal brasileira. Sempre lhe foi ou, muitas vezes, lhe foi negada a possibilidade de ser independente, de pensar por si só, de emitir opinião, de realmente fazer parte de qualquer espécie de agrupamento familiar a que pudesse pertencer. Nossa personagem aparece como uma serviçal, inferior em

todos os sentidos à figura do herói épico gaúcho construída em determinado período histórico-literário pois, como afirma Santos, “à mulher gaúcha eram legados o obscurantismo, a falta de instrução, o isolamento, a submissão.” (SANTOS).

A personagem feminina, que assim como o irmão não tem nome, reflexo do descaso que há para com os *fronterizos* que sempre viveram à margem, é mais uma mulher na vastidão dos pampas, vivendo em meio à solidão e que não tem voz. Ela só existe porque é irmã dele, não existe por si só.

Essa dependência ao homem leva a figura feminina sempre ao segundo plano nas narrativas literárias. Ainda que ela lute como tal, nunca será heroína, pois “A figura do herói estava diretamente relacionada à figura do homem, associada à masculinidade, força física, coragem e nobreza de caráter.” (RAMALHO, 1999, p.422).

Tanto o gaúcho, quanto os heróis clássicos sempre tiveram como apoio suas mulheres. No entanto, elas nunca chegariam a ser heroínas, como se pode observar no seguinte trecho:

“Sua função era contribuir para o heroísmo do homem, quer por uma influência positiva, quer por uma influência negativa, ou seja, tanto através do amor, quanto através do ódio, as figuras femininas, ainda que sob certas circunstâncias atuassem como verdadeiras guerreiras, serviam de instrumento para a formação do herói”. (RAMALHO, 1999, 422).

Já ele, o irmão, é o retrato do homem do campo que, duas vezes no mês, aparece em casa com um *sortido*. “O irmão foi lá fora e trouxe uma manta de charque, açúcar, arroz, mais café e cachaça. Depois deu risada e desenrolou uma linguiça como uma cobra. Tinha vindo carregado” (SCHLEE, 2011, p.17). O personagem do irmão tem uma profissão corrente para a região e, ao mesmo tempo, arriscada: contrabandista.

O irmão era contrabandista dos antigos, a cavalo. Não se contentava em passar pouca coisa por cima da ponte, em carregar de trem ou de barco. Preferia as velhas comanditas para serviço certo, em geral de cachaça ou açúcar. Podia trabalhar de empregado em caminhão, passar banana, peça

de automóvel; mas preferia aquilo, que era mais garantido, porque era dono dele mesmo e porque nem os guardas se importavam. (SCHLEE, 2011, p.18).

Assim como no conto “A Irmã Dele Só”, em “Contrabandista”, de Simões Lopes Neto, também temos a representação do contrabandista ainda a cavalo, do homem dono de si mesmo e conhecedor dos caminhos que traçava:

Esse gaúcho desabotinado levou a existência inteira a cruzar campos da fronteira: à luz do sol, do desmaiado da lua, na escuridão das noites, na cerração das madrugadas...; ainda eu chovesse reyunos acolherados ou que ventasse como por alma de padre, nunca errou vau, nunca perdeu atalho, nunca desandou cruzada!... (Simões Lopes Neto, 2014, p.103)

Além disso, podemos observar na narrativa de Simões Lopes Neto o contrabando como uma atividade legítima da região. Nesse sentido, Dorfman afirma que

É evidente sua intenção em registrar a gênese e a organização do contrabando, apresentando-o como estratégia de sobrevivência diante da dinâmica histórica desterritorializante – de demarcação de fronteiras e fixação de cercas, limitando as práticas transumantes da população aí instalada –, e não como crime ou contravenção. (DORFMAN, 2008, p.100)

Ainda que a essa prática tradicional da região tenha mudado, pois o cavalo já não é tão comum para esse serviço, o contrabando e a figura do contrabandista ainda existem. Seja ele a pé, de bicicleta, de *pollerita*, com os *quileros* ou com mercadoria no porta-malas do ônibus ou com o próprio passageiro, dia a dia eles estão lá, lutando pela sua sobrevivência, fazendo a fronteira se tornar viva, num vai e vem de mercadorias, pessoas, histórias, num espaço que é de todos, tornando-o Uma Terra Só.

Numa representação atual do que é viver a fronteira, o poeta *fronterizo* Fabián Severo traz em um de seus poemas a vulnerabilidade e as incertezas de depender do contrabando:

Ontein me sacarum tudo lo que trasía de Cuarái.  
Otra ves me quitarum tudo.  
Meu Deus, purqué tanta inyustisa.  
Que digo pra Negra, meu Deus.  
Eya tava isperando u aseite, a fariña, u asúcar.  
No pude neim pasá a erva pru mate da tarde.  
Ainda si fose roubado,  
mas era uma semana de trabaliu  
um bolso yeio con el suor da nosa frente.  
Si Dios fuese artiguense  
no avía deiyado que los ombre  
me sacaram la bicicleta.  
Eu pidí por favor,  
eles diserum que era pra eu aprendé.

Otra semana pidindo fiado nu armasén du Brasileiro  
camiñando pru molino  
yuntando as moeda pra i u sábado que viene  
faser um surtido en Cuarái.  
(NoiteNu Norte/Noche En El Norte- Fabián Severo, 2011, p.39)

A fronteira é o incerto, o instável, o vai e vem, o contrabando, o medo, o entrevero, a solidão, o outro, o *nosotros*, é Uma Terra Só – narrativa que, de certa maneira, é espelho ficcional possível de memórias e vivências de quem viveu e/ou conheceu de perto esse espaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que significa viver na/a Fronteira? A narrativa de Schlee nos mostra o quanto esse lugar é um espaço vívido, de movimento, de riscos, de mescla, que é mais do que um lá e um cá, é um entrelugar- como Schlee acredita - em que o nós e o outro se tornam *NosOtros*, nós nos outros. Mas, além disso, a fronteira também pode significar isolamento, solidão, estar à margem.

Quem vive “na” e “a” Fronteira está sujeito a sentimentos inquietantes de ser um pouco de cada um que ali comparte seu modo de ser e, ao mesmo tempo, não saber quem afinal é. Eles são um pouco de tudo, mas poucos os veem e os reconhecem.

Especificamente nos três contos analisados neste trabalho – “A Estação Río Branco”, “Dinheiro Velho” e “A Irmã Dele Só”, vemos uma figura que ainda sobrevive em meio às cidades *fronterizas*: *el gaucho*. Alguns elementos podemos observar em comum entre eles, como a bombacha, o cavalo e o cusco, como se nota no conto Dinheiro Velho – “José Jacinto saiu do WC com uma parte do dinheiro amarrada no lenço tirado do pescoço; outra, enchendo os poucos bolsos de quem anda de bombacha; e o que restava, por dentro das botas mesmo”(SCHLEE, 2011, p.38).

Em A Estação Río Branco há um homem “de gorro de crochê, de suéter de lã, bombacha e alpargata” (SCHLEE, 2011, p.27) e em A Irmã Dele só um “contrabandista dos antigos, a cavalo” (SCHLEE, 2011, p.18). Todos eles carregam através de sua vestimenta e de seu modo de viver e ser o que restou da história dos seus antepassados. Não são mais os bravos gaúchos. Seguem de bombacha, a cavalo, sem papéis e, agora, também sem glórias.

Contudo, quando nos referimos a los gauchos, automaticamente nos remetemos à figura masculina. Porém, em seus contos, Schlee nos revela uma outra personagem, também *fronteriza*, e que é mais olvidada do que aquele que foi transformado em herói na literatura e que agora é apenas mito, a mulher *gaucha*.

Sejam elas brasileiras ou uruguayas, todas são *fronterizas*, todas são *gauchas em Uma Terra Só*. No entanto, onde estiveram todo esse tempo? Por que quando nos referimos a essa identidade do gaúcho, não as incluímos? Segundo Woodward “Os homens tendem a construir posições-de-sujeito para as mulheres tomando a si próprios como referência.” (WOODWARD, p.11). Ou seja, as mulheres só podem ser/existir tendo os homens como parâmetro.

Em “A Irmã Dele Só”, a personagem feminina só se constitui na narrativa como irmã dele, uma mulher solitária que espera um homem, o irmão. Já Marita, em “Dinheiro Velho”, é a esposa de *Pochocha*, nada além disso. É também a mulher que espera o homem - nesse caso, o marido. Nos contos há um apagamento da identidade dessas mulheres, pois as mesmas sempre viveram à margem, isoladas, esquecidas.

Entre contrabandos, ires e vires, lá e cá, brasileiros e *uruguayos* se cruzam num único espaço, mas cada um constituindo a sua identidade de ser *fronterizo*. Só quem vive isso pode sentir o que significa não ser nem de lá, nem cá, mas ser de la Frontera.

“*La frontera es una circunstancia física y psicológica, es el misterio de una luz, de un idioma; la frontera tiene su olor propio y sus colores, la frontera es peligro*” (ETCHEMENDI, 2011, p.14)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Corpus:

SCHLEE, Aldyr Garcia. **A Irmã Dele Só**. In: SCHLEE, Aldyr Garcia. Uma Terra Só. 2.ed.Porto Alegre: ardotempo, 2011, p.13-21.

SCHLEE, Aldyr Garcia. **Dinheiro Velho**. In: SCHLEE, Aldyr Garcia. Uma Terra Só. 2.ed.Porto Alegre: ardotempo, 2011, p.33-40.

SCHLEE, Aldyr Garcia. **Estação Ríó Branco**. In: SCHLEE, Aldyr Garcia. Uma Terra Só. 2.ed.Porto Alegre: ardotempo, 2011, p.23-31.

### Referências Bibliográficas:

BENTACOR, Gladys Teresa. **Las fronteras en un contexto de cambios: la vida cotidiana en ciudades gemelas Rivera (Uruguay) y San'tana do Livramento (Brasil)**. Ateliê Geográfico Goiânia-GO v. 2, n. 1 maio/2008 p.18-42.

BRASIL, Luiz Antônio de Assis. "O Nosso Pampa, Tão Comum e Vário". In: MARTINS, Maria Helena (org.), **Fronteiras Culturais**. Granja Viana-Cotia: Ateliê Editorial, 2002 p. 127-131.

CHAVES, Flávio Loureiro. **Uma Terra Só**. In: SCHLEE, Aldyr Garcia. Uma Terra Só. 2.ed.Porto Alegre: ardotempo, 2011, s/p.

CRESCO, Matheus Pepe. **Um estudo sobre o conceito de território na análise geográfica**. Instituto Federal Fluminense, Goytacazes:RJ.

DORFMAN, Adriana. **"Pequenas pontes submersas" interpretações geográficas e antropológicas de literaturas de contrabando**. Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi Ciências Humanas. v.3 n.1 Belém abr. 2008.

ETCHMENDI, Javier. **Noite nu norte, Noche en el norte: poesía de la frontera**. In: SEVERO, Fabián. Noite nu norte, Noche en el norte: poesía de la frontera. Montevideo/Uruguay: Rumbo Editorial, 2011.

GOMES, Silvia de Toledo. **EU, TU, ELE... NÓS OUTROS**: fronteiras, diálogos e novas identidades. Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas/MS – nº 12 – Ano 7, Nov 2010.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Matrero, Guerreiro e Peão Campeiro: Aspectos da Construção Literária do Gaúcho. In: MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras Culturais**. Granja Viana-Cotia: Ateliê Editorial, 2002 p. 107-125.

LEENHARDT, Jacques. Fronteiras, Fronteiras Culturais e Globalização. In: MARTINS, Maria Helena (org.), **Fronteiras Culturais**. Granja Viana-Cotia: Ateliê Editorial, 2002 p. 27-33.

LOPES NETO, Simões. **Contos gauchescos e lendas do sul**. Porto Alegre: L&PM, 2014

MARTINS, Maria Helena. Pagos, Passagens, Incertezas... O Drama da Fronteira. In: MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras Culturais**. Granja Viana-Cotia: Ateliê Editorial, 2002 p. 233-251.

MAROZO, Luiz Fernando da Rosa. A Formação da Identidade Não-Essencialista do Gaúcho. In: BOESSIO, Ana Lúcia Montano e RIZZON, Carlos Garcia (org.). **Fronteiras Conceitos e Práticas em Contato**. São Paulo: Todas as Musas, 2014, p. 169-189.

NETO, Agripino Souza Coelho. **Componentes definidores do conceito de território: a multiescalaridade, a multidimensionalidade e a relação espaço-poder**. Universidade do Estado da Bahia, 2012.

PEGORARO, Aline. **Sentidos sobre a fronteira nos discursos regional, nacional e global**. UNIPAMPA, 2011.

RAMALHO, Christina. Um perfil para a heroína épica. In: REIS, Livia De Freitas, VIANNA, Lucia Helena, PORTO, Maria Bernadette (org.). **Mulher e literatura- VII Seminário Nacional**. Niterói, RJ: EdUFF, 1999.

REICHEL, Heloísa Jochins. Fronteiras no Espaço Platino. In: BOEIRA, N. e GOLIN, T. (Coord.). **História Geral do Rio Grande do sul**. Colônia. Passo Fundo: Méritos, v. 1, 2006.

ROCCA, Pablo. Encruzilhadas e Fronteiras da Gauchesca. In: MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras Culturais**. Granja Viana-Cotia: Ateliê Editorial, 2002 p. 73-92.

SANTOS, Elaine. Gênero e Literatura Gaúcha. UFSM. Disponível em: <http://www.angelfire.com/or/genero/litgaucha.html>, acesso em 05/10/15.

SCHLEE, Aldyr Garcia. Integração Cultural Regional. In: MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras Culturais**. Granja Viana-Cotia: Ateliê Editorial, 2002 p. 61-64.

SEVERO, Fabián. **Noite nu norte, Noche en el norte: Poesía de la frontera**. Montevideo, Uruguay: Rumbo Editorial, 2011.

STEIMAN, Rebeca; MACHADO, Lia Osório. Limites e fronteiras internacionais: uma discussão histórico-geográfica. In: TRINCHERO, H.H. e OLIVEIRA, T. C. M. (orgs.). **Fronteiras Platinas: Território e Sociedade**. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

ZIENTARA, Benedikt. **Fronteira**. In: ZIENTARA, Benedikt. Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989, v.14.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.) Petrópolis: Editora Vozes.